

Setores poderão quebrar, diz economista

Econ - Brasil

14 OUT 1993

ESTADO DE SÃO PAULO

LUIZ
GUILHERMINO



RIO — Alguns setores da economia brasileira poderão quebrar caso o governo não adote medidas de caráter administrativo, ainda que temporárias, para contrabalançar os efeitos da abertura da economia, feita em ritmo acelerado e sem levar em conta alguns fatores de proteção utilizados por muitos países. A advertência é do economista e ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio Barros de Castro. O economista disse que três fatores, aliados à recessão e ao colapso do poder de compra do governo, poderão ter efeitos devastadores no setor de bens de capital.

Esses três fatores foram “a liquidação do sistema de barreiras não tarifárias, feita no governo Sarney; a redução tarifária iniciada no governo Collor, que é boa mas não poderia ter sido feita em plena re-

cessão, e o acordo de tarifa externa comum assinado com os outros três países do Mercosul — Argentina, Uruguai e Paraguai.”

O que mais preocupa o economista é o efeito desses fatores na indústria de bens de capital, “pois isso poderá atrasar ainda mais a capacidade de crescimento da economia.” Barros de Castro afirmou que os governos não estudaram os reflexos das liberações do comércio sobre a economia. No caso do fim das barreiras não tarifárias, “elas são parte integrante e fundamental de proteção de países como os Estados Unidos.”

Barros de Castro teme que se não forem tomadas providências rápidas, muitos segmentos da área de bens de capital serão afetados, assim como os setores de autopeças, eletroeletrônicos, têxtil, de brinquedos e de quinquilha-

rias. “O grande perigo para a abertura da economia não vem da França, e sim da China e da Coreia, pois eles usam subsídios para ganhar qualquer batalha e conquistar os mercados que lhes interessam.”

Barros de Castro disse que quem tem uma indústria séria e uma classe operária grande não

pode abrir totalmente a economia.

“No caso do Brasil, o parque industrial é grande e a classe operária já é personagem da história política, tendo partidos e centrais sindicais.” No caso brasileiro, afirmou, uma abertura ir-

restrita poderia levar os empresários a virar “meros maquiadores, como já ocorre com alguns, e aos trabalhadores restaria o desemprego.”

O economista José Cláudio Ferreira da Silva, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

(Ipea), falou que o pior já passou na redução tarifária, mas os efeitos agora é que começam a ser sentidos. “Quando o Brasil retomar o crescimento econômico e as empresas encontrarem insumos e matérias-primas importadas mais baratas que as domésticas é que serão sentidos os reais efeitos da abertura da economia.”

O economista do Ipea não culpa os empresários pela falta de competitividade em alguns setores, como o têxtil. “O setor têxtil não pôde se modernizar porque a década de 80 foi de recessão, o que acabou impedindo qualquer investimento para a modernização. E quando houve a perspectiva de retomada do crescimento, ocorreu também a abertura da economia, pegando o setor na contra-mão.” Ele tem críticas ao setor de informática, que ganhou oito anos de proteção “e ao acabar esse tempo as empresas se aliaram com as grandes estrangeiras, o que prova que apenas se aproveitaram da proteção para aumentar o lucro e não para desenvolver a tecnologia.”

PERIGO VEM
DA CHINA E DA
CORÉIA, DIZ
CASTRO